

| conto

À MEIA LUZ

Por Janailson Macêdo Luiz

AS RECORDAÇÕES MAIS NÍTIDAS QUE EU GUARDO do meu avô paterno estão associadas à última visita que ele nos fez, poucos meses antes de morrer.

Era março de 1997 e o vô Alcides ficou hospedado, por cerca de uma semana, no nosso apartamento, enquanto tentava descobrir a origem de alguns caroços e manchas que, como uma praga de ervas daninhas, brotavam em vários pontos de sua pele.

Se dependesse do meu pai, ele já teria há muito tempo largado a vida no campo e se instalado de vez na cidade. No entanto, o velho sertanejo se negava a modificar a maneira de viver. Mesmo beirando os oitenta anos, ele nem cogitava se distanciar do cuidar diário da terra e da própria subsistência e poucos dias longe de seu sítiozinho já o deixavam inquieto.

Durante aquela visita, quando não estava com o meu pai em alguma clínica ou consultório, ou apenas dormindo, o vô Alcides se sentava mansamente na sala, mantendo uma postura muito respeitosa e formal. Às vezes, levantava-se e ficava observando, pela janela do segundo andar, os prédios vizinhos e as pessoas passando pela rua, ou simplesmente ia para o quarto, ficar um pouco só.

Após o jantar, mais para ser educado do que para se entreter com a televisão – passatempo que não lhe despertava o interesse –, ele retornava à sala, para fazer companhia aos meus pais. Contudo, nessas horas, seus pensamentos pareciam estar direcionados exclusivamente às recônditas e enigmáticas programações de sua memória.

Eu, curioso como era, dedicava boa parte do meu dia a observá-lo e não o via somente como um velho que sempre usava os mesmos sapatos pretos, já desgastados, calças sociais um pouco velhas e camisetas de botão; também não via apenas seu semblante melancólico, sua pele negra, seus cabelos branco-algodão ou suas costas envergadas pelo tempo. Era como se eu fosse uma pequena árvore que tivesse encostado as suas raízes nas de uma árvore gigante, a mesma cujas sementes a originaram. Sentia-me como aquela árvore que, de uma só vez, entrara em contato com os rastros que lhe indicavam o caminho de sua

formação, da sua substância primeira, mas que acabara de descobrir que já constituía um outro corpo, um outro espaço; que embora possuísse um destino de certo modo comum com a sua ancestral, já estava há um bom tempo se desenvolvendo de acordo com um ritmo próprio.

Certa noite, o vô Alcides se encontrava na sala, como sempre, junto aos meus pais, que assistiam ao telejornal enquanto esperavam o início da novela das oito. De um momento para o outro, entretanto, a distração dos dois foi interrompida, pois faltou energia no nosso prédio e, como logo percebemos, em todo o nosso bairro.

Naquele momento, eu me encontrava no quarto, jogando, concentrado, videogame com um amigo. E também acabei sendo pego de surpresa pelo apagão. O que nós jogávamos? Já não me lembro com exatidão, lembro apenas do vídeo-game, um Nintendo já usado que eu ganhara de presente no natal anterior. Mas, de toda forma, quando se tem doze anos, ser interrompido durante uma partida de qualquer tipo de jogo, real ou virtual, não é nada excitante. Meu amigo e eu, certamente acometidos por uma frustração juvenil agudíssima, tivemos então que ir para a sala, fazer companhia aos adultos. Quando chegamos lá, encontramos a minha mãe, que havia ido procurar velas e já voltava à sala segurando uma espécie de candelabro improvisado, onde a vela é fixada com a própria cera numa lata vazia de leite em pó.

A vela, posta no centro da sala, propagava solitariamente suas ondas de luz por todo o ambiente, tornando-se o centro atrativo dos olhares de todos no local. Meu amigo e eu passamos a utilizar as migalhas de luz saídas da chamazinha amarelada para projetar serpentes, coelhos e outras criaturas nas paredes, mas ambos deveríamos estar rezando, em silêncio, para a energia voltar logo.

Os meus pais, por outro lado, matavam o tédio conversando sobre as notícias que tinham acabado de assistir na televisão, e o vô Alcides, alheio a tudo aquilo, mantinha-se em companhia dos seus pensamentos mais íntimos.

Ainda bem que aquele clima insosso não durou muito. Aos poucos, com a sala iluminada apenas pela meia luz da vela, foi sendo criado o clima ideal para se contar histórias, principalmente as de assombração, das quais o meu avô guardava um amplo estoque na memória. Sabendo disso e vendo que aquela seria uma ótima oportunidade para mostrar para mim e para o meu amigo a importância de determinadas tradições, cada vez mais deixadas de lado, o meu pai pediu que o vô Alcides contasse uma daquelas histórias que tanto gostava de narrar.

– “Pai” – disse ele enquanto tocava na perna do vô Alcides – “O senhor ainda se lembra daquelas histórias que o senhor e a minha mãe costumavam contar à noite, lá em casa, quando eu era pequeno?” – o meu avô foi repentinamente trazido de volta do seu mundo interior, com uma expressão de quem estava se sentindo ao mesmo tempo surpreso e animado por uma boa recordação.

– “Vixe meu fio, aquilo já faz muito tempo...”

– “Tenho certeza que o senhor ainda se lembra... Porque não nos conta uma delas agora?”

– “Num sei seu me alembro mais daquilo não fio...”

– “Claro que se lembra homem, essas coisas não se esquecem assim...”

– “...”

– “Pode ser uma daquelas de cangaceiro... Isso! Conte uma daquelas histórias de cangaceiro, pra esses meninos verem o que é uma boa história, bem melhor do que essas bobagens que passam hoje em dia nesses desenhos sem graça da tevê... De Lampião, pronto! Conte uma de Lampião! Dessas daí não tem jeito de se esquecer”.

– “Vixe, logo Lampião? Deixa eu pensá...” – Ele parou um segundo para matutar, como que esperando a roleta da memória interromper os seus giros e lhe dizer que acontecimento real ou imaginário deveria trazer à tona. O que não demorou muito. Súbito, com um sorrisinho tímido, o velho nos apresentou, sem rodeios, uma história guardada bem lá no fundo do seu alforje, não se sabe se inventada por ele ou se captada numa das muitas rodas de conversa que participou durante a vida.

– “Pois bem” – reiniciou – “Me alembrei de uma agora... ocês tudo já deve de tê ouvido falá muito em Virgulino Lampião, o famoso Rei do Cangaço, num é mermo?” – E se calou por alguns segundos. Meu amigo e eu ficamos impressionados, sem saber se deveríamos responder ou continuar em silêncio. Minha mãe também permaneceu muda; e meu pai, que conhecia bem o processo que estava se iniciando, abriu um sorriso discreto, mistura de satisfação e orgulho contido.

– “Só que o que pôca gente sabe” – continuou – “é que Lampião, o cabra mái valente que os sertão já viro, que botava pra corrê policiá froxo e coroné metido a brabo, certa vez passô um bom tempo sem dormi direito, atormentado por uma aima penada que, toda noite, parecia nos sonho dele.

Dizem até que nem uma reza do próprio Pade Ciço Romão, em pessoa, conseguiu fazê com que o hôme deixasse de tê aquelas visão. Toda santa noite, desde que havia se

instalado com seu bando lá pros lado de Juazeiro, Lampião via aparecer um véi em seus sonho, que não falava nada, ficava só oiando, parado, pra ele. Aí toda veis, bem no mêi do pesadelo, o cangacero acordava assustado e logo ia empunhano a pexera, que sempre guardava ao seu lado, pra ver se mandava de vorta a assombração pros quintos dos inferno.

Eita que dava um trabaio danado pra pobre da Maria Bonita convencê ele que aquilo era só mai um sonho ruim!

Só que teve um dia que enquanto espiava pelas redondeza, o cangacero chegô até uma casinha muito da antiga, onde vivia sozinha uma muié já de certa idade. Quando ele entrô na casa e começô a conversá com ela, avistô um retrato antigo de um hôme na parede. Ave Maria! Lampião, que nunca tinha andado pela'quelas banda, de cara, reconheceu o tal do hôme no retrato. Pois num é que se tratava do memo condenado que parecia nos pesadelo dele! Só que no retrato ele tava um pouquin mai moço. Mais era o memo, num havia dúvida! Lampião resolveu então de contá pra véia tudo o que tava se passano. E ela disse pro cangacero que aquele hôme do retrato era o seu falecido marido, que morrera de morte morrida, uns poucos dias antes. O que deixou Lampião muito do desconfiado. A véia disse também que nos últimos tempo o marido andava aperreado de dá dó, tentano encontrá uma botija chea de ouro, que um tio dele, segundo dizia o falecido, havia enterrado há muito dos tempo por aquelas área.

Não que o falecido fosse ganancioso, isso num era não, garantiu a véia com toda a sinceridade pra Lampião, pois durante vários ano ele nem tinha ligado pra essa história da botija. Mais como um dos fio deles, que morava lá pra bandas do Recife, tava muito do doente, precisano de dinheiro pras consultas e pra operação, que custava mai que os dois óio da cara, o hôme decidiu averiguá se a história da botija era de verdade. Ora, todo santo dia ele cavava, procurano a tal da botija. Era buraco em cima de buraco feito naquela terra seca, e nada... Até que um dia ele desanimô e de tanto do desgosto por não pudê ajudar o fio, acabô morreno.

Lampião, sabeno que o véio que parecia nos sonho dele era um hôme de respeito, tentô conversá com ele durante a dormida, e perguntô o que é que ele tava quereno afiná. Mais quem foi que disse que o véio respondeu? Ficô foi oiando pra Lampião com aquela cara lesa de aima penada. Só que quano Lampião já tava pensano em desisti, o véio resolveu de se desempabulá. E quano resolveu de abrí a boca, ele disse foi uma coisa muito da estranha: que na manhã seguinte, o primeiro arubu que o Rei do Cangaço avistasse pelos céu, ele fosse atrás. No pedaço de terra, óia que coisa mái da doida, no pedaço de terra

adonde o arubu pousasse, Lampião devia de cavá bem fundo, e descobriria o motivo de tá teno aquelas visão.

Mas num é que foi dito e feito?! Mal Lampião acordô, avistô a ave agourenta passeano sem avexame nenhum pelos céu e começô a ir atrás dela. Só que o arubu não demorô muito a pousar não. Ele logo deceu junto a um umbuzero bem grande e ficô parado lá, só curtino a sombra do umbuzero. Aí Lampião, que ainda num tava acreditano muito que tava fazeno aquilo de verdade, mandô que um dos seus cabras fosse até a casa da muié, pra pedi a pá do falecido emprestada, pra cavar um buraco onde o arubu pousô.

Durante as escavação, sem mái nem meno, a pá bateu em algo bem duro. Mais num é que quano o cabra cavô mais descobriu que ali tava enterrada uma botija, com num sei quantas moedas de ouro! Ah! Mas os cabra de Lampião ficaro tudo doido ao ver aquela dinherama toda... eles começaro logo a falá em como iam gastá o dinheiro com muié, bebida e mái um bocado de bestera... Só que ocês num pensem que o Rei do Cangaço quis ficar com o ouro não! Não que ele fosse de negá dinheiro. O que Lampião num queria era passar o resto da vida seno atormentado, todas as noite, pela aima penada do véio. Por isso, muito do sério, ele mandô que os cabras calasse a boca e parasse com aquele pantim todo.

Sem muita da conversa, o chefe dos cangacero foi até a casa da muié e dexô a botija com ela. Pronto! Aí a véia num instante arrumô uma mala, com as poucas coisa que tinha, e saiu avexada pro Recife. Ninguém sabe se é verdade, mais dizem que graças a botija chea de ouro, que Lampião entregô, ela conseguiu saivá o filho e os dois vivero um bocado ainda. O suficiente pra gastá aquela dinherama toda. Já Lampião tava aliviado por tê se livrado da aima penada do véio e vortou aos seus afazere de cangacero, que andavam cada vez mais dos dificultoso, pois as volante num tavam dano trégua pra ele não, caçano ele sem trégua nem piedade por esse mundaréu afora”.

Quando concluiu a narrativa, assim como vinha fazendo de modo mais discreto enquanto a pronunciava, meu avô observou, com sutileza, as expressões de curiosidade, satisfação e encanto delineadas nas faces de todos na sala, principalmente na minha e na do meu amigo. Lembro-me que seu falar característico, do tipo que hoje se considera em extinção ou é erroneamente estereotipado nos filmes e novelas, e sua voz suave e envolvente me deixaram maravilhado. Meu pai também estava enlevado e comentou que já não lembrava mais de quando tinha ouvido pela última vez aquela história. Minha mãe, meu amigo e eu, entretanto, permanecemos calados, comunicando-nos apenas através dos brilhos dos olhares.

O velho contador de histórias conhecia bem esse tipo de reação, sabia que todos ali ansiavam para ouvir mais uma narrativa como aquela, mais um acontecimento místico dos tempos antigos, sobretudo se envolvesse personagens carismáticos como o Rei do Cangaço, além de outros atrativos, como almas penadas e finais felizes. Ele parecia já estar até, no íntimo, consultando seu repertório lendário e se preparando para a segunda rodada de prosa, onde teria uma performance ainda mais cativante.

Mas, de repente, a energia do condomínio voltou, trazendo de volta a luz para a sala e a força vital das máquinas domésticas. Meu amiginho e eu, com a impaciência típica da idade, logo corremos de volta para o videogame. Na sala, a televisão também foi religada, de modo automático, sem qualquer reflexão. O que alegrou bastante os meus pais, que se deram conta de que não haviam perdido nenhuma parte significativa da novela.

Mas o vô Alcides não demonstrou ter se aborrecido com a nossa falta de sensibilidade, a qual já devia estar acostumado. Ele ficou calado por alguns instantes e, logo depois, já sonolento, despediu-se dos meus pais e foi para a cama. No entanto, não conseguiu esconder que, por dentro, estava sentindo o seu nostálgico coração transbordar, de tanta saudade acumulada; talvez saudade de quando, numa casinha de taipa, iluminada apenas pela meia luz da lamparina, escutava seus pais contarem, cada um ao seu turno, dezenas de histórias de Trancoso; saudades de todas as pessoas queridas, com as quais conviveu e compartilhou suas melhores histórias; e saudade do seu tempo de narrador prestigiado, dos seus tempos bons, de tudo o que havia ficado para trás.

Menos de um ano depois, o vô Alcides faleceu. O homem forte e trabalhador fora derrubado por um câncer de pele, descoberto, já em estado avançado, durante o período em que esteve conosco. Mas eu quase não me recordo dos seus meses de agonia, ou melhor, dos meses de agonia do meu pai, que não aceitava que o pai dele preferisse continuar em seu sítio a ficar em Campina e tentar algum tratamento. O vô Alcides preferiu ter o fim que teve. Ele não queria passar seus últimos dias em algum hospital; queria era, quando recém-falecido, receber sem demora o derradeiro abraço da terra que cuidou durante toda a sua vida.